

MODOS DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E PUBLICAÇÃO DE OBRAS DE ESCRITORAS NEGRAS

Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza¹

Orientadora: Profa. Dra. Jailma Pedreira dos Santos Moreira

Resumo: É perceptível a invisibilidade de mulheres negras em nosso campo literário brasileiro, tanto em forma de representação, geralmente ausentes do texto literário ou retratadas de forma estereotipada, quanto de acesso, pela dificuldade de inserção das mesmas no mercado editorial. Esta pesquisa busca conhecer e analisar diferentes modos alternativos de produção literária de quatro escritoras negras baianas, a saber: Fátima Trinchão, Jocelia Fonseca, Mel Adún e Rita Santana. Para tanto, primeiramente foi feito um mapeamento de escritoras negras baianas contemporâneas, e, em seguida, a seleção de quatro escritoras que buscassem formas alternativas e diversificadas de produção. Assim, foram realizadas entrevistas com as mesmas, no intuito de perceber seus modos de produção, abarcando os sentidos que atribuem para o literário, as ferramentas criadas para produzir, publicar, circular e distribuir suas obras, bem como a imbricação entre a produção literária e sua própria subjetividade, observando também nesse percurso, seus modos de vida. Verificamos, nesse processo, que as escritoras pesquisadas encontram diversas dificuldades no percurso de produção, publicação e circulação de suas obras, que partem de um sistema de exclusão que abarca as variáveis gênero, raça, classe e, nesse caso, também a região. Apesar das formas de interdições várias, a que são submetidas, desde a dificuldade de inserção na literatura brasileira até à materialização do livro, as escritoras negras forjam outros caminhos, como a divulgação de seus textos na internet, a participação em projetos socioculturais, a associação com outras (os) escritoras (es), entre outras táticas que facilitam a chegada de suas obras a um público leitor. Tais práticas demonstram o quanto estas escritoras, pouco visibilizadas, têm resistido e criado linhas de fuga, perante sistemas de coerção que as aprisionam.

Palavras-chave: Escritoras negras. Modos de produção. Circulação de textos.

INTRODUÇÃO

Como pensar sobre a arte, suas feições, inclusive a literária e em seus modos de produção no contexto atual, em meio a um capitalismo que como um dispositivo modela e infunde no material, no plano da infraestrutura, uma lógica cultural, interceptando, assim, outros modos de produção resistentes a essa lógica, outros modos de vida?

Como se dá esse movimento de tensões no plano econômico e cultural? Essa é uma questão que nos interessa, pois não podemos pensar a cultura, sem pensar nas realidades cotidianas de exclusão, opressão de agentes e produtores literários/culturais, via mecanismos capitalísticos.

Jameson (2004) nos aponta que o cultural, o pós-moderno formam aspectos influentes desse novo estágio do capitalismo tardio, que funde infraestrutura e superestrutura, em sua lógica. Por isso, ao tratar do cultural não estamos falando isoladamente de formas culturais autônomas,

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, bolsista FAPESB. E-mail: tai_campos@hotmail.com.

organizadas em sociedade, mas a partir desse olhar, percebemos que as tensões, interceptações, a lógica do capitalismo as tocam, as perpassam.

Desse modo, o produto é condicionado pelos significados que lhes atribuem, por sua lógica simbólica que irá determinar o valor econômico do mesmo, a partir de uma série de significações e discursos construídos em torno dele.

Sendo assim, quais seriam as construções simbólicas formadas em torno da produção de escritoras negras? A possível resposta para esta questão irá depender dos sujeitos sociais e o lugar de fala dos mesmos. Pois se pensarmos do ponto de vista dos sujeitos tocados pelas mesmas marcas das mulheres que escrevem ou que mesmo sem experimentar de perto suas tensões são sensíveis a estas e possuem um olhar do ponto de vista positivo de ouvir, dar lugar às falas do que é considerado menor, secundário, terá uma significação latente de grande teor político, cultural. De outro lado, se olharmos para essa situação a partir de um viés hegemônico, europeizado a produção textual de mulheres negras terá uma significação de menor, não no sentido potencializado que queremos pensar, elucidar, mas ainda em um sentido negativo, desvalorizado.

Desse modo, podemos perceber que o valor simbólico e usos que se faz de um produto irá depender dos sujeitos sociais específicos, seus interesses e suas demandas, evidenciando que todo e qualquer processo de produção está rodeado de jogos de significações e de relações de poder circunscritas em seu bojo. Diante disso é importante salientar que:

O produto que chega ao seu mercado de destino constitui uma objetificação de uma categoria social, e assim ajuda a constituir esta última na sociedade; em contrapartida, a diferenciação da categoria aprofunda os recortes sociais de sistemas de bens. O capitalismo não é pura racionalidade. É uma forma definida de ordem cultural; [...] (SAHLINS, 2003, p. 206).

Destarte, podemos compreender por que são encontradas tantas dificuldades no processo de produção escrita de mulheres negras, não havendo abertura do mercado para os processos de produção e publicação de suas obras, bem como de sua ampla circulação. O mercado é capitalista, e este define uma ordem cultural, que como sabemos é historicamente hegemônica, europeizada, elitista. Diante disso, como custear os livros? Como fazê-los circular? Como viabilizar suas atividades artísticas e culturais?

PRODUÇÕES LITERÁRIAS INSCRITAS SOB O GÊNERO E A RAÇA: IMPASSES E DIFICULDADES

Em seu artigo *Literatura e Afrodescendência*² Duarte (Portal Literafro), afirma que desde o período colonial, os afro-brasileiros atuam em esferas da produção artística, entre elas a literatura, mas sem o devido conhecimento e reconhecimento. Na produção literária vários fatores colaboraram para isso, como o impedimento à sua divulgação, partindo mesmo da dificuldade de materializá-la em livro, vejamos:

Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros, em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população (DUARTE, LITEAFRO).

Schmidt (2011) também chama a atenção para o fato de que “os escritores negros ainda trabalham sem recursos, enfrentam dificuldades de mercado e, na maioria das vezes, fazem edições autofinanciadas.” Ela afirma que:

Publicar ainda é difícil para autores negros brasileiros. A dificuldade de ingressar no mercado editorial e colocar seus livros à disposição de um grande público talvez seja a principal causa da reduzida visibilidade de escritores afro-descendentes que, em suas obras, retratam a vida e os valores da comunidade negra brasileira (SCHIMDT, 2011, p.24).

Ainda essas dificuldades são enfrentadas no processo de outra produção desviante dos padrões homogêneos e hegemônicos, a produção feminina. Isto pode ser visto Em *Histórias da Editora Mulheres*, de Muzart (2004) em que a mesma explanou as demandas e dificuldades encontradas no percurso da edição e publicação de escritos femininos. O resgate de textos e vozes femininas do século XIX foi que deu origem a Editora Mulheres e, mais uma vez, mostrou como a negação do reconhecimento da mulher enquanto sujeito da escritura já vem de longas datas.

Zahidé Muzart idealizadora do projeto e uma das fundadoras da editora aponta as dificuldades encontradas nesse micro empreendimento voltado aos estudos da mulher e de gênero: “ Lutamos sempre com as gráficas, as livrarias, com os distribuidores! Lutamos com a constante falta de dinheiro, porém muito mais com a permanente falta de respeito”. (MUZART, 2004, p. 104).

² Artigo publicado em <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>.

Como vemos os problemas que envolvem uma editora chamada Mulheres, dirigida por mulheres são muitos e surgem de um ponto principal: o preconceito de gênero e a descrença na capacidade de atuação do sujeito feminino.

Muzart (2004) assinala o cunho artesanal no início da editora, e o empenho lançado por ela e suas companheiras nas diversas tarefas de edição, revisão, editoração, bem como a necessidade do envolvimento de outras pessoas em outras tarefas, como a tradução de obras estrangeiras, tudo isso com limitações de recursos.

Ainda a autora nos fala da distribuição como um dos pontos mais difíceis nesta tarefa de editoração de obras femininas, os impasses e as dificuldades encontradas perante os distribuidores tornaram-se causa de cancelamento de contratos, o que por sua vez, retira das livrarias os livros.

Diante das dificuldades, Muzart (2004) ressalta como a participação em feiras e eventos feministas, juntamente com a rede de publicações feministas foi fundamental para divulgar, circular suas edições, evidenciando como o trabalho alternativo tem sido a saída e a mola propulsora de tantas mulheres que querem falar, escrever, editar.

Em entrevista concedida a Prof.^a Dr.^a Jailma Pedreira Moreira (2012) para o nº 1, vol. 2. da Revista *Pontos de Interrogação*, a idealizadora da editora Muzart (2004) apontou que a dificuldade inicial era a falta de respeito com o nome da Editora Mulheres, em seguida por ser uma editora de pequeno porte enfrentavam vários problemas, entre os quais se destaca o da distribuição, uma vez que os distribuidores e também as grandes livrarias exigiam descontos muito altos, no mínimo 55%, muitas vezes sem pagar o frete. Fato que fez a mesma desistir dessa etapa da distribuição.

Quando Murzat (2004) é perguntada sobre o percurso da mulher dentro da cadeia produtiva de distribuição e circulação, diz:

Quanto ao campo editorial e mercadológico posso dizer que não há uma distribuição e uma circulação ampla e democrática. Basta procurar a produção feminina em livrarias, em sites especializados. Há sempre uma dificuldade desses livros terem divulgação e, conseqüente, circulação. Ou vice-versa. Nesse sentido é rompida a cadeia produtiva (MUZART apud MOREIRA, 2012, p. 319).

Identificamos que para com tais minorias étnicas e de gênero há uma dificuldade de escoar suas produções, o que indica que para as mulheres negras o problema pode se intensificar. Como pudemos observar, são encontrados vários desafios e impasses no processo da produção feminina, bem como na produção literária negra dentro do mercado, o que já revela o quanto é mais problemático ainda o trabalho de produção feminina negra, uma vez que une dois fatores de estigmatização e exclusão sociocultural: o gênero e a raça.

Essa subalternização ocasionada pela interseccionalidade de gênero e raça e muitas vezes por classe social confere às mulheres negras um problema maior de inserção na esfera da produção. Sobre isso a graduada em Ciência política e mestra em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) Layla Daniele Carvalho (2012) no *Dossiê Mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*, fomentado pelo IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, pontua que:

A noção de *interseccionalidades* remete-se à acumulação, por uma pessoa, de várias marcas de subordinação, a qual leva à deterioração da forma de sua inclusão social. Dessa forma, a inserção social de uma mulher negra perpassa dois conjuntos de condicionantes que subordinam sua posição no espectro social: ser mulher e ser negra (CARVALHO, 2012, P.82).

Como indica a ativista e Assistente Social Matilde Ribeiro apesar de o Brasil ser o país que concentra, fora da África, a maior população negra, esta ainda continua, no que se refere às condições sociais, ocupando o mais baixo grau. Essa situação se intensifica para a realidade de mulheres negras ao aliarmos o racismo e o sexismo que às atingem:

Os dois referenciais — branquitude e poder — coexistem como reafirmação da conjugação entre machismo e racismo e incidem sobre a vida da população negra. Para as mulheres negras resultam em barreiras para o seu cotidiano e desenvolvimento pleno (RIBEIRO, 1998, p.196).

Nesse sentido, as categorias de exclusão se duplicam e como afirma Moema Augel em artigo publicado no portal LITEAFRO³: se a literatura afro-brasileira continua a ser pouco reconhecida, a literatura de autora feminina negra continua relegada à completa desconsideração, mesmo diante de uma considerável parcela de mulheres negras, que buscam, por meio da escrita, expressar seu “ser-negra” no mundo.

A pesquisadora Ana Rita Santiago (2012) observa que no Brasil e, mais especificamente na Bahia, há um clima de hostilidade para com a produção literária de autoria feminina negra, tal situação remonta de uma avaliação da crítica literária que atribui a essa produção um tom discursivo reivindicatório e excessivamente memorialista, deixando a desejar no quesito da literalidade e estética textual, o que, segundo essa visão, se configuraria em uma incipiência de qualidade de tais escritos. Desse modo:

O mercado editorial, aliado a esse obstáculo, pouco cria possibilidades de suas produções e menos ainda credita sucesso em seus projetos literários, ampliando o dilema de se afirmarem como vozes autorais femininas negras (SANTIAGO, 2012, p.17).

³ Conferir em <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>.

PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ESCRITORAS NEGRAS: POR VIAS ALTERNATIVAS E TÁTICAS.

Com Silva (2011) pudemos ver que uma questão levantada pelo movimento de escritores negros nos anos 80, mas especificamente com a realização do *I Encontro Nacional de poetas e Ficcionistas negros*, ocorrido em 1985, foi a da revisão crítica do cunho etnocêntrico da indústria cultural traduzida em bloqueio editorial para com escritores e escritoras negros(as), bem como a ausência ou a deficiência de fomento estatal para com essa literatura.

A problemática da marginalização histórica no que se refere à produção, a distribuição e ao consumo da literatura negra ainda persiste nos dias atuais, uma vez que são visíveis os impasses e as dificuldades a que escritores (as) negros (as) estão expostos (as). Estes (as) são ao mesmo tempo escritores (as), editores (as), divulgadores(as) e vendedores(as). Deste modo, observamos que “[...] com contáveis exceções, todos os livros dos escritores negros são **edições do autor**, auto-financiadas, publicadas, distribuídas e consumidas limitadamente, sobre as quais poucos leram ou ouviram falar” (Silva, 2011, p. 131).

Essa realidade não mudou muito em tempos atuais, uma vez que escritores e escritoras negras precisam criar meios para produzir e fazer circular seus escritos diante das dificuldades e impasses encontrados.

Como vemos, a produção literária negra tem buscado sobreviver, de tempos em tempos, de maneira alternativa, através de edições marginais e independentes.

Em entrevistas realizadas em dias e locais diferenciados em Salvador – BA, entre dezembro de 2013 e julho de 2014, com as escritoras negras baianas desta pesquisa pudemos visualizar, a partir da experiência de cada uma delas, como se configura esse mercado e como elas se veem inseridas dentro de sua dinâmica. Jocelia Fonseca⁴ afirma desconfiar do mercado, especificamente falando do editorial, pois não acha justo o funcionamento deste. Para ela o dinheiro e esforço que o autor investe não são valorizados, não havendo o merecido retorno para quem escreve, por isso ela busca operar, produzir de modo alternativo.

Tendo suas raízes de poetisa na arte teatral, foi a partir desta que construiu sua voz, expressando suas angústias, inquietações, enfim sua subjetividade em forma de poesia, aliando essa atividade da escrita à performance teatral.

⁴ Escritora nascida às margens do Rio São Francisco, em Juazeiro-BA, onde começou seu fazer político-poético e teatral. Reside desde 1997 em Salvador, onde graduou-se em Letras. Seu trabalho tem como foco a defesa da alma fêmea, a valorização da estética e força femininas e da cultura afro-brasileira e africana.

Jocelia Fonseca, além de escritora, é integrante do grupo *Importuno Poético*, composto por mais duas poetisas Cléa Barbosa e Lutigarde Oliveira. Jocélia, em companhia deste grupo, chamado de grupo das três sereias sertanejas, expressa e expande sua voz pelas ruas do Pelourinho, estendendo-se pelos recantos da Bahia em eventos, feiras, organizações, instituições, através da junção entre poesia, corpo, estética e performance, mostrando mais de si, da mulher negra, de sua voz e resistência. É assim, também que, paulatinamente, a cada apresentação, a cada recital revela sua escrita, suas poesias, sua arte.

É esse trabalho de cunho performático que acaba por mediar o processo de circulação e venda de seus escritos. Ela afirma que é assim que gosta de fazer, não isola a arte de seu produto, neste caso o livro, para ela é crucial levar ao público partículas de sua obra. Hoje o grupo *Importuno poético*, que tem como projeto político, social e cultural, a defesa da força e estética femininas está em sua nona publicação, a primeira em forma de livro que leva o nome do grupo e está em sua 2ª edição, com o apoio e parceria com o Sindicato dos bancários da Bahia, Departamento de Gênero e a Edições Revoluo.

Jocelia, vê no grupo *Importuno Poético*, o pilar de sustentação de sua vivência poética, uma vez que se tornou um veículo de propagação da mesma e acaba por mediar o caminho da publicação e circulação dos textos.

A escritora Fátima Trinchão⁵ participou de seis antologias, sendo quatro delas publicadas pela Editora Ómnira, que trabalha em parceria com a UBESC- União Baiana de Escritores, com o intuito de prestar assessoria editorial a escritores independentes, abrindo espaço à produções literárias emergentes. Além disso, Trinchão faz parte do consórcio dos *Cadernos Negros*, tendo participado, até o momento, de duas de suas antologias.

Porto (2004) nos indica que o sistema de consórcio tornou-se uma alternativa na busca da divulgação de publicações feministas, como uma importante ferramenta inovadora no campo editorial independente do Brasil.

A autora traz como ponto forte dessa iniciativa a articulação entre a rede de publicações feministas, composta pelo portal eletrônico de periódicos feministas e o consórcio. Este atua na distribuição das publicações na versão impressa em eventos acadêmicos, culturais e militantes realizados no Brasil e alguns no exterior, bem como com a parceria com instituições, livrarias e ONGs,

⁵ Escritora nascida no município de Euclides da Cunha-BA, atualmente vive em Salvador, onde formou-se em Letras com Francês. Escreve contos, poemas crônicas, tendo como vertente de trabalho a valorização da cultura afro-brasileira e africana, bem como a defesa dos direitos humanos e o respeito entre os mesmos.

com o objetivo de por meio dessa ação unificada pelos processos de distribuição, venda e divulgação, dar maior visibilidade às publicações.

Porto ressalta que as publicações feministas vão além das perspectivas comerciais, capitalistas, pois as informações prestadas pelos estudos de gênero são importantes não somente para as mulheres, mas para todos, independente de sexo e da identidade de gênero.

Como vemos várias iniciativas são criadas tanto por mulheres, como por produtores (as) negros (as), entre elas o sistema de consórcio tem ganhado corpo, bem como todas as formas de associação entre iguais.

Uma das associações que trabalha em torno desse eixo, e da qual Fátima Trinchão faz parte, é a REBRA- Rede de Escritoras Brasileiras. A associação foi fundada em 8 de março de 1999, por Joyce Cavalcante⁶ ao reconhecer as dificuldades enfrentadas pela escritora brasileira em ter sua voz difundida por um mercado editorial fechado e pendente aos registros no masculino.

Entre outras finalidades a REBRA busca a divulgação das obras das escritoras associada - nacional e internacionalmente - por meios eletrônicos e convencionais; desenvolver projetos literários, tais como: cursos, encontros, simpósios, concursos e congressos, promovendo as publicações das escritoras; criar, em parceria com a iniciativa privada ou com órgãos governamentais, no âmbito nacional ou internacional, mecanismos que estimulem o mercado da literatura feminina, em particular, e da literatura em geral e manter e ampliar laços de solidariedade e amizade entre mulheres que se ocupam do mesmo ofício e alimentam os mesmos ideais.

Fátima durante a entrevista nos aponta o quão é difícil ser mulher negra e escritora, por isso utiliza muito o artifício da internet para fazer escoar sua produção, a autora ainda expõe seus textos nos formatos de contos, artigos, crônicas e poesias em sua *homepage* na internet no seu site *fatimatrinchao.net*. O site comporta páginas de acesso ao perfil da autora; seu diário; áudios; fotos; Livro de visita; Livros à venda; Contato e outros links! O interessante é que as informações, as produções têm a opção de serem enviadas por e-mail e nesse processo você é solicitado a indicar um amigo para receber também o texto, o que consideramos mais uma forma de fazer circular sua produção. Para nós esse uso da tecnologia, das suas possibilidades de reprodutibilidade e propagação, se constitui como uma tática empreendida por Trinchão, para fazer circular sua produção frente ao controle, à negação da existência de uma produção feminina negra, que tem

⁶ Nasceu em Fortaleza, é jornalista, romancista, contista, cronista e conferencista. Publicou onze livros individualmente, e participou de dezenove coletâneas de contos com outros autores. Tem obras traduzidas para o inglês, sueco, francês, italiano, espanhol e holandês. Dá palestras sobre literatura feminina brasileira nas universidades do Brasil e do exterior.

muito a contribuir com o pensamento crítico, intelectual no que concerne à apropriação da escrita pela mulher negra, enquanto sujeito que fala, que pensa, e que produz outras construções culturais. Demonstrando que:

Mesmo não estando no circuito das edições formais, a Literatura negra percorre caminhos paralelos aos institucionalizados pela indústria cultural e distantes dos cânones acadêmicos; divulga e imortaliza não só os textos como alguns de seus autores. Ultimamente, tal atitude tem sido ampliada através do vasto território da internet (ALVES, 2010, p. 48).

É também desse território que tem feito uso a escritora Rita Santana⁷, que utiliza seu blog *Barcaças* e sua página na rede social do facebook para a divulgação de seus escritos e de outros (as) escritores (as).

Rita que publicou, até o momento, seus três livros por meios como concursos e selos literários, nos revela que:

É tão difícil publicar! Por isso acho que a lentidão da minha produção também. Primeiro que o tempo já é curto. A vida já me exige. E aí eu fico pensando: e eu vou pra onde? Eu vou ter pressa pra quê?(risos) Rola um desânimo.

A fala de escritora exprime uma tristeza diante dos entraves encontrados ao longo do percurso produtivo, o evidencia a necessidade de incentivo e melhores condições de produção.

Rita Santana ao contrário de tantas escritoras, a exemplo de Fátima Trinchão que “optam” por pagar pela editoração de seus textos, já sem possibilidades de outras formas de publicação, buscou em seus três livros apoios institucionais. Rita afirma:

Quando tem que pagar eu corro!(risos) Por que eu já sou professora do Estado caramba! Nosso salário cada vez mais espezinhado. Então, eu não tenho que gastar o da minha sobrevivência com a literatura [...] A literatura no que puder contribuir...! Por exemplo, eu vendi, no ano passado, alguns livros ali, em alguns encontros nas universidades. Pô! Eles que têm que me ajudar e não o contrário. Eu tenho um certo pudor com isso!

A fala de Rita nos leva a refletir: que condições são criadas para que os grupos subalternos ganhem renda através de suas produções artísticas e culturais? Qual valor, inclusive econômico, está sendo dado a esse trabalho? É preciso questionar!

A escritora ainda lamenta a extinção de projetos do governo como o Prêmio Braskem Cultura e Arte⁸ pelo qual publicou seu primeiro livro *Tramela* e o Selo As Letras da Bahia⁹ pelo qual publicou

⁷ Escritora nascida no município de Ilhéus-BA, atualmente vive em Camaçari. Formou-se em Letras com Francês. Fez Curso de Formação em História e Cultura Afro-brasileira e Africana e é pós-graduada em História Social e Cultura Afro-Brasileira. Escreve contos e poemas e também é atriz.

seu segundo livro *Tratado das Veias*, uma vez que davam espaços mais abertos e democráticos a produtores menores. Hoje as possibilidades se estreitaram aos editais, algo do qual Rita não simpatiza, por conta de seus processos burocráticos.

Já para a escritora Mel Adún¹⁰ sua visibilidade enquanto escritora tem acontecido por meio dos coletivos, especialmente o *O'gums Toques Negros*, o qual abordaremos mais adiante. Para ela o sentido de ser escritora começa ganhar forma a partir dessa vinculação.

O coletivo *Ogum's toques negros* surgiu há três anos em posts rotineiros no blog, nas redes sociais o que resultou, no ano de 2014, no lançamento da primeira coletânea poética do grupo que se iniciou como editora, o que nos indica a força dessa visibilização em rede.

Ainda sobre isso, ela afirma que não se via muito na qualidade de escritora, pois, antes escrever não era sua prioridade, uma vez que ela voltava-se para outras atividades como a comunicação e o jornalismo. Hoje, com a atuação diária do coletivo em prol da conquista de uma consolidação, em matéria de editoração dos textos de escritoras e escritores negros, Mel vê a possibilidade de “fazer uma vida escrevendo”, claro sem deixar de se desdobrar em suas outras atividades, uma vez que, como pontua “ sei que não vou ter dinheiro”, mas a dedicação de um tempo maior à escrita surge dessa vinculação ao coletivo.

Como vemos a força dos coletivos ontem e hoje tem tentado mudar esse quadro de inacessibilidade às ferramentas da publicação, circulação e distribuição literárias.

Assim, levando em consideração que todos nós estamos no campo do poder, mesmo que em posições diferenciadas, é preciso evidenciar as táticas que os produtores artísticos, culturais, literários, fora do centro desse mercado, criam para se fazerem vistos, reconhecidos, não somente com o intuito de vender, mas de não deixar morrer uma voz, uma luta, uma história, uma outra produção cultural que não quer se deixar cooptar pelo homogêneo, o normatizado e instituído.

As táticas surgem de dentro do sistema. A invenção se dá dentro de uma estratégia que quer homogeneizar. É no cotidiano que se dão essas práticas. As escritoras não estão fora das relações com a indústria cultural e com o mercado editorial, mas quais são as suas táticas?

⁸ Promovido pela Fundação Casa de Jorge Amado, o Prêmio Braskem Cultura e Arte selecionava, por meio de uma comissão julgadora, produções inéditas em Música, Artes Plásticas e Literatura para patrocínio.

⁹ Era um selo da Fundação Cultural do Estado da Bahia que publicava originais de autores (as) baianos (as) a partir de uma seleção dos manuscritos feita por uma banca examinadora.

¹⁰ É escritora, jornalista, roteirista e contadora de história. Nasceu em 26 de julho de 1978 em Washington D.C., período da ditadura militar no Brasil, da qual seus pais fugiam. Em 1984 ela chega ao Brasil, mas retorna para estudar nos Estados Unidos em 1998. Em 2001, volta a residir no Brasil, em Salvador naturalizando-se brasileira e baiana.

Amparando-nos nas ideias de Certau (1998), entendemos que as estratégias de homogeneização, cooptação são continuadas, as táticas estão no campo da ocasião. Já que seus livros não estampam as prateleiras das grandes livrarias, a escritoras buscam vias alternativas de distribuição, como eventos culturais, feiras de livros, Internet, entre outros, confirmando que há uma potencialidade na criatividade dessas escritoras, que nem de longe, deve ser subestimada.

As escritoras baianas fora do centro desse mercado, trabalhadas aqui nesse texto, nos indicam alguns caminhos táticos que fomentam uma relação com o mercado, através mesmo do uso de seus próprios dispositivos, o trabalho com produções alternativas. Desse modo, tencionam relações de poder com o mercado, uma vez que buscam meios alternativos para serem lidas, ouvidas, ou seja, constroem seu percurso através do chamado “trabalho de formiguinha”, luta a luta, ação a ação, tática a tática.

Certau (1998) nos indica que as táticas se diferenciam das estratégias pelos tipos de operações, pelas diferentes maneiras de fazer. Esta última produz, mapeia e impõe. As táticas fazem uso desse mesmo campo estratégico, alterando-o. As estratégias são técnicas organizadoras de sistemas, aqui eu diria linguísticos, literários, mercadológicos, midiáticos. As táticas se infiltram e circulam dentro destes sistemas ou campos de poder tidos como “neutros”, “desinteressados” para deslocá-los. Apesar das medidas de interdição e repressão de vozes negras e femininas, elas têm se infiltrado no campo literário brasileiro e, aos poucos, de maneira alternativa, vão se difundido.

É, pois no campo da indústria cultural balizada por uma lógica capitalista e permeada por dispositivos de controle de poder vários, que os sujeitos sociais, a exemplo das escritoras negras baianas trabalhadas nesse texto, de forma não alienada, mas ativa, pensante, produtiva, buscam se apropriar desses próprios dispositivos, num embate de forças, no estabelecimento de relações de poder.

Essas literaturas periféricas criam um lugar na economia da cultura através de novas formações discursivas e novos modos de agenciamento que contribuem com a constituição de uma economia solidária para a literatura e a cultura. A necessidade de modos de produções que contestem e rasurem a hegemonia capitalista e hegemônica, é importante, visto que: “O capitalismo se tornou dominante há tanto tempo que tendemos a tomá-lo como normal ou natural. O que significa que a economia de mercado deve ser competitiva em todos os sentidos [...]” (SINGER, 2006, p.7)

Para esse problema, o autor nos indica a economia solidária, como uma saída plausível para a constituição de uma sociedade pautada pela igualdade entre seus membros. O princípio básico dessa forma de produção é o da cooperação em vez da competição, ou seja, “A chave desta proposta é a

associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais” (SINGER, 2006, p. 9). O resultado disso é a solidariedade e igualdade.

Observando a etimologia da palavra cooperação e às características a essa modalidade de economia, poderíamos dizer que as escritoras Jocelia Fonseca, Lutigarde Oliveira e Clea Barbosa, do *Importuno* poético se organizam de maneira cooperativa, mesmo que não institucionalmente, uma vez que se unem, com o interesse comum de escrever, publicar e fazer circular suas poéticas, repartindo os custos e os ganhos entre si.

Fátima Trinchão compara a forma de associação dos negros nos dias de hoje para produzir por meios de consórcios, cooperativas, com a Sociedade Protetora dos desvalidos, que, segundo relata, era uma associação que na época da escravidão, escravos libertos se juntavam para todo mês, com o dinheiro de seu trabalho, dar uma parte para que outros escravos fossem libertos.

Também visualizamos, através da fala de Mel Adún, na proposta da editora *Ogum's Toques*, fios de uma economia solidária e a feitura de uma economia criativa.

A publicação em regime cooperativo tem sido um importante veículo para dar visibilidade à literatura negra, pois o apoio a cada integrante permite que a conquista seja vivenciada através do trabalho coletivo.

Essa é, pois uma das linhas de fuga para fazer notável essas vozes dentro de um tempo e de uma sociedade modelados culturalmente de modo patriarcal, etnocêntrico, capitalista e mercadológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar a partir de grupos minoritários, como o das escritoras negras desta pesquisa, a tessitura de uma produção baseada na cooperação entre iguais, entre sujeitos marginalizados historicamente, mas que buscam produzir com as ferramentas que possuem, como o trabalho em edições coletivas, como as realizadas por tantos escritores e escritoras negras, a exemplo dos integrantes do coletivo *O'gums Toques*, bem como de Jocelia, que ao unir-se a mais duas poetisas feministas vão contra uma lógica individualista e competitiva perpassada pelo capital. E ainda como Fátima Trinchão, que busca associar-se a cooperativas de escritores negros e redes femininas.

Verificamos que a economia pautada pelos eixos da criatividade e da solidariedade permite gerar renda, mesmo que mínima, para os grupos subalternos, por meio de suas atividades artísticas e

culturais. Mas, para além do intuito de uma indústria cultural mercadológica, que visa apenas as vendas e o lucro, as escritoras negras querem infundir suas vozes como forma de intervenção social, cultural e política em prol do respeito às alteridades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Literatura Negra. In: *Brasil Afro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo horizonte: Nandyala, 2010.

AUGEL, Moema Parente. "E Agora Falamos Nós": Literatura Feminina Afro-brasileira. In: *Portal Liteafro*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/> acesso em 27 de julho de 2014.

CARVALHO, Layla Daniele Pedreira de. A concretização das desigualdades: disparidades de raça e gênero no acesso a bens e na exclusão digital. (Org.). MARCONDES, Mariana Mazzini et al. In: *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013, p. 81-108.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: Usos e táticas. In: *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afrodescendência. In: *Portal Liteafro*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/> acesso em 27 de julho de 2014.

JAMESON, Fredric. A lógica cultural do capitalismo tardio, In: *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2004, p. 27-79.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. A produção de autoria feminina através da Editora Mulheres: entrevista com Zahidé Muzart. In: *Revista Pontos de Interrogação*. Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012, p. 315-320.

MUZART, Zahidé Lupinacci. História da Editora Mulheres. In: *Revista Estudos Feministas*. [online-scielo], set.-dez. vol.12, 2004, pp.103-105.

PORTO, Rozeli Maria. Consórcio de publicações feministas: a visibilidade do feminismo e sua divulgação. *Revista Estudos Feministas*. [online-scielo], set.-dez. vol.12, 2004, pp. 169-181.

RIBEIRO, Matilde. Antigas personagens, novas cenas: mulheres negras e participação política. In: BORBA, Angela, FARIA, Nalu, GODINHO Tatau (Orgs.). *Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p.189-209.

SAHLINS, Marshall. La Pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura. In: *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003. P. 185-242.

SCHIMIDT, Augusta. Breve história da literatura negra. In: *Musa Calíope: Revista eletrônica internacional de Literatura e poesia*. Ed. nº 4, nov - dez 2011, vol.1, p. 24-27.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Literatura negra como literatura marginal: Brasil, 1980. In: FERREIRA, Elio; MENDES, Algemira de Macedo (Orgs.). *Literatura afrodescendente: memória e construção de identidades*. São Paulo: Quilombhoje, 2011.

SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

